

Hospital de S. Marcos em Braga

O arcebispo primaz D. Diogo de Sousa foi um dos mais illustres prelados da egreja bracharense. Já por mais de uma vez o temos feito notar aos nossos leitores pela sua caridade e amor das artes, que o levaram a deixar honrosamente commemorado o seu nome nos estabelecimentos de piedade que instituiu e dotou, nos monumentos publicos que fundou, e nos variados melhoramentos que promoveu na cidade.

Foi, pois, este benemerito prelado o instituidor do hospital de S. Marcos, correndo o anno de 1508. Havia então na cidade de Braga tres hospitaes, intitulados *dos Peregrinos*, *dos Lazaros* e *Gafaria*, todos pequenos, e com escassos rendimentos, de modo que já mal correspondiam ás necessidades publicas. Supprimiu-os D. Diogo de Sousa, e annexou as suas rendas ao novo hospital; e não as julgando ainda sufficientes para sustentação d'este estabelecimento de caridade, accrescentou-lhes os dizimos das egrejas de S. Martinho de Gallegos e S. Martinho de Medello, do arcebispado de Braga, e da apresentação da mitra primacial, as quaes uniu perpetuamente ao mesmo hospital, que as possuiu até ao anno de 1834, em que principiou a ter effeito em Portugal a extincção dos dizimos.

D. Diogo de Sousa fundou o edificio do hospital, com uma capella dedicada á Senhora da Purificação; deu-lhe o regulamento, estabeleceu-lhe o pessoal, e arbitrou-lhe os ordenados; e entregou a sua administração ao senado da camara.

Passado meio seculo, vendo o sabio e veneravel arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres que a camara não administrava bem, confiou este encargo á irmandade da Misericordia, cujo instituto a fazia mui competente para similhantes administrações, pois que a sua principal missão é soccorrer os infelizes, acudindo-lhes em todas as necessidades.

Effeituou-se esta determinação aos 19 de outubro de 1559; e desde então até hoje tem continuado n'esta administração a referida irmandade.

Com o correr dos tempos augmentou o rendimento do hospital, em consequencia de varios legados que teve, mas tambem augmentou o seu movimento pelo crescer da população. No meiado do seculo XVIII o edificio era já acanhado para conter os enfermos que a elle recorriam, e, além d'isso, achava-se alguma coisa arruinado. Pensou-se então em reedifical-o; porém, depois de muitos alvitres differentes e de grandes delongas, resolveu-se proceder a uma nova fundação, mais ampla e mais sumptuosa do que a primeira.

Não sabemos o anno em que principiaram as obras, mas sim que isto se realisou entre os annos de 1770 e 1780. A egreja esteve por muito tempo incompleta, servindo sómente a capella-mór e o cruzeiro para o exercicio do culto, que já ahi se celebrava em 1805. Concluiu-se e inaugurou-se o templo no anno de 1836.

O hospital de S. Marcos occupa o mesmo logar do antigo, e está situado em uma praça pequena, mas ornada por dois outros templos de boa architectura, um intitulado de *Nossa Senhora da Piedade*, pertencente ao convento das religiosas terceiras de S. Francisco, e o outro consagrado á *Santa Cruz*. Chama-se esta praça *campo dos Remedios*, pelos milagres que obrou S. João Marcos por occasião da trasladação do seu corpo, em 1718.

Fez o risco do novo edificio o capitão de engenheria Carlos Amarante. As obras de cantaria e de esculptura foram executadas ou dirigidas por José Fernandes da Graça, mais conhecido pelo nome de *Landim*. Não obstante alguns defeitos provenientes de certas faltas de boas proporções, a frontaria do edificio faz honra ao architecto pela nobreza e bom gosto do prospecto em geral.

O templo, collocado no centro, tem a fachada de fórma semicircular, ornada com quatro columnas e cinco estatuas, quatro correspondentes ás columnas, e a quinta mettida em um nicho. As duas alas do edificio tambem tem por coroa balaustradas com oito estatuas. Representam estas os apostolos e outros santos. Tanto exterior como interiormente é a architectura da egreja de ordem composita. As decorações acham-se distribuidas convenientemente, o que não é muito commum em os nossos monumentos modernos. A pedra empregada na construcção é granito da melhor qualidade que ha na provincia, e está lavrada com a maior perfeição que ella póde admittir; todavia, além de se não prestar a delicadezas de esculptura, as estatuas deixam muito a desejar no que diz respeito, tanto á correcção do desenho, como á elegancia de fórmas e á nobreza de posições.

A egreja é de uma só nave, e conta sete altares, incluindo o da capella-mór, todos os quaes são guarnecidos de talha doirada. O templo actual não foi sagrado. A cruz de pedra que se vê na parede da capella-mór, do lado do Evangelho, e que serve de commemorar a ceremonia da sagração, pertencia á antiga capella de Nossa Senhora da Purificação, fundada pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, cujo logar está occupado pela actual capella-mór. Esta é dedicada ao Espirito Santo, e ricamente ornada de obra de talha doirada. Tem duas imagens de vulto: a de Nossa Senhora da Expectação do lado do Evangelho, e a de S. João Marcos do da Epistola. Junto ao altar-mór acha-se depositado o corpo d'este santo martyr, que foi bispo de Atina, e senhor da casa do Cenaculo. O sepulchro que encerra as santas reliquias é de jaspe branco, com obra de mosaico de marmores de côres. É um objecto de grande primor de arte. Foi feito em Roma no primeiro quartel do seculo XVIII, por ordem do arcebispo primaz D. Rodrigo de Moura e Telles. Este prelado fez com muita pompa a trasladação do corpo de S. João Marcos, do tumulo antigo para o novo, no dia 27 de abril de 1718.

Conserva-se o antigo mausoléo na mesma capella-mór, do lado do Evangelho, para onde foi mudado da capella de Nossa Senhora da Purificação, na qual o collocára o arcebispo D. Diogo de Sousa. E' de marmore branco adornado com variados lavores. Excitada a devoção popular por occasião de se trasladarem as santas reliquias para o novo sepulchro, principiou a pratica piedosa, que ainda hoje dura, de se metterem os enfermos no tumulo antigo, esperando o allivio de seus padecimentos pela intercessão do santo martyr.

A sacristia tem um altar de talha doirada.

O hospital contiguo acha-se muito bem organisado, e do mesmo modo administrado. Encerra onze enfermarias, intituladas de *S. Cosme e Damião*, *S. João de Deus*, *S. Bento*, *S. Braz*, *S. Domingos*, *Santo André Avelino*, *S. Lazaro*, *S. Sebastião*, *S. Roque*, *S. João Marcos*, e *S. Marcos*. O seu movimento annual regula por 1:800 a 2:000 doentes entrados; 1:300 a 1:600 curados; e 160 a 200 fallecidos. Tem o hospital botica bem servida.

Juros, legados não cumpridos, e esmolas, são ao presente as principaes fontes da receita d'este estabelecimento, cuja administração está a cargo de um provedor, um thesoureiro, nomeados annualmente, e um mordomo mensal, que fazem parte da mesa da irmandade, sendo o ultimo coadjuvado por mais dois mordomos mensaes nomeados pela mesa d'entre os irmãos da confraria. Todo este serviço, porém, é gratuito.

Um hospital como este é, estabelecido em um edificio de nobre architectura, construido expressamente para esse fim, bem organisado e administrado, e com rendimentos que o habilitam a ter um tão grande movimento, é um justo titulo de gloria para Braga, e honraria, sem duvida, a qualquer grande cidade que o possuisse.

Não ha paiz, certamente, na Europa, onde a caridade seja exercida mais geralmente que em o nosso. Se não bastasse para provar esta asserção a circumstancia muito notavel e honrosa de que entre nós não morre pessoa alguma de fome que queira solicitar soccorros publicos, os centenares de hospitaes, misericordias e outros estabelecimentos pios, que ha por todo o reino, demonstram exuberantemente aquella verdade. Porém, a fóra a capital, a provincia do Minho é a que mais sobresae na pratica d'aquella virtude, pela importancia e grandeza dos seus estabelecimentos pios.

I. DE VILHENA BARBOSA.

REGINA

(EPISODIO DAS CONFIDENCIAS)

TRADUZIDO DO FRANCEZ DE A. DE LAMARTINE

(Vid. pag. 258)

V

Apeei-me. Um lacaio italiano, de magnifica libré, conduziu-me, atravessando o pateo, a um pavilhãosinho solitario, que deitava para os campos, e que fazia parte da estalagem. Constava de dois ou tres quartos, destinados a alguns viajantes distinctos, que a noite soprendia muitas vezes n'este sitio, ao sopé da montanha de Sombernon, onde todos receiavam aventurar-se no meio das trevas. O lacaio disse quem eu era a uma mulher que parecia ou criada de quarto ou ama de leite, e que trajava o pittoresco vestuario das camponezas de Tivoli, vestuario que me fez pulsar o coração, porque me trouxe á memoria a imagem de Graziella. Essa mulher, já edosa bastante, abriu-me a porta do aposento das senhoras, e eu entrei.

Ao entrar, e ao deparar-se-me de subito a radiante, a olympica formosura da princeza, que se ergueu para me vir receber, pensei, por um momento, que meu tio não se enganára, e que, se o coração póde algumas vezes gerar a formosura, tambem a formosura era susceptivel de gerar um coração no peito d'aquelles a quem inundava com as torrentes da sua luz. Não tenho remedio senão procurar ao menos descrever-o scenario que se gravou indelevelmente na minha pupilla.

O quarto era vasto, mobilado como todos os quartos de estalagens aldeãs, com dois immensos leitos de cortinados de azul celeste, com bahus de jornada, chales e capas de viagem empoeirados e estendidos em cima do tapete e das cadeiras. A janella unica deitava para um largo valle de pastagens; os derradeiros raios do sol illuminavam o aposento e as physionomias dos que n'elle estavam com esse fulgor ardente e como que pulverulento, que parece uma chuva de oiro que desaba na copa das arvores e na orla dos horisontes. Esse fulgor, escoando-se pelo espaço que a cortina azul deixou a descoberto, ia cair de chapa, cingindo-lhe com um radiante diadema o alto da cabeça, no niveo collo e nas espadoas da gentil menina. Era d'alta estatura, esbelta, espigada, mas sem ter essa fragilidade nimiamente delicada, essa enfezada magreza que roubam o esplendor da epiderme ás meninas de dezeseis para dezoito annos, n'estes climas do norte pouco favorecedores do ra-

pido desabrochar das rosas e das mulheres. A cintura, os braços, o collo, as faces, tinham esse gracioso arredondado do marmore, que revela a plenitude da vida na estatua de Psyche de Canova. Aquella estatura, toda aéria e ligeira, não tinha comtudo o minimo symptoma de frouxidão. Tinha a irreprehensivel e graciosa firmeza da bailarina que, apoiada só n'um artelho do pé, ergue os braços tocando as castanholas nos arêaes de Castellamare. Vestía de seda preta, como todas as italianas d'esse tempo. Por cima d'esse singelo vestido, não tinha nem lenço nem chale que lhe escondessem os hombros, ou que impedissem o tecido atochado da seda desenhar-lhe, como se, escorrendo em agua, se pegasse ao corpo, todos os contornos. O vestido era muito curto, parecendo que a pessoa que o usava crescêra depois de lh'o terem feito. Deixava desenharem-se e poisarem no tapete os pés, um tanto maiores e um pouco menos esbeltos do que os das francezas. Esses pés não tinham sapatos; fluctuavam livremente em dois pantufos de marroquim amarello, ornados de palhetas de aço, e bordados de differentes côres. Não era afogado o vestido, e apenas um camafeu, suspenso de uma fita de veludo negro, dava realce á esplendida alvura do seu pescoço. Quer fosse effeito produzido por algum raio do sol, que viesse do cimo da janella deslizar-lhe pela fronte, quer fosse resultado da commoção e do pudor, que a presença de um desconhecido e o pensamento do que teria para me dizer anticipadamente lhe inspirassem, quer fosse proveniente da muita vida que palpitava em toda ella, é certo que parecia que todo o rubor da sua epiderme lhe viera purpurear o rosto.

A expressão dos olhos, de um azul tão escuro como as aguas do Tivoli nas profundidades do seu abysmo, a da boca, cujos contornos graves e um tanto pesados, ora encobriam ora patenteavam a sua alma, a d'essa meiguice que parecia voar para mim n'um impeto espontaneo, a d'essa magestade natural que parecia reprimil-a, não serei eu quem tente descrevel-a. Não se descreve a luz, sente-se. Uma coifa de seda carmesim, como as mulheres do sul costumam pôr na cabeça, ou em viagem ou em casa, lhe envolvia os cabellos. Porém as largas malhas da coifa, rasgadas n'alguns pontos pelo attrito da carruagem, deixavam escapar fartos anneis, e permittiam que se visse a quantidade, a finura e a côr. Eram loiros, mas d'esse loiro que faz lembrar o canudo da palha do trigo bronzeado e calcinado pelo mez canicular nas planicies do agro romano; loiro que parece um reflexo de fogo nos cabellos meridionaes, da mesma fórma que parece um reflexo do gêlo nos cabellos do Norte. Mudavam de côr na extremidade como os das crianças; atados no alto da cabeça, por baixo da coifa, com uma fita escarlate, formavam uma especie de diadema natural, onde o sol resplendia.

Tal era a princeza Regina, que vinha ao meu encontro. Não poderia dizer se as suas feições deslumbravam, se enterneciam. Fiquei immovel e como asphyxiado de admiração.

VI

Ao lado d'ella, em cima de um colchão estendido por terra e coberto com um tapete de pelles, branco mosqueado de preto, descançava, com a cabeça encostada ao cotovelo, uma senhora edosa, embrulhada n'uma capa de veludo negro. O rosto, bem que esphacelado e franzido, com grandes rugas nas faces e na barba, conservava os vestigios de uma grande formosura, que desapparecêra, sim, mas deixára na sua physionomia a visivel demonstração de que existíra. O nariz, modelado com a perfeição com que o modelaria o cinzel de um estatuario; os olhos negros, amplamente rasgados por baixo da curva das sobrancelhas; boca trémula nas extremidades, mas conservando a gentileza e o vigor dos contornos; dentes de perolas; fronte vasta e pallida, sulcada apenas no meio pela ruga do pensamento; bastos anneis de cabellos negros, apenas com um ou outro veio branco, saindo em ondas de uma coifa preta, e enroscados como serpentes no cavado das fontes; um ar frouxo e doentio na côr da pelle, na languidez da posição, e no timbre cavo e trémulo da voz: tal era a condessa Livia D***, avó da joven princeza.

Levantou-se, sem esforço, encostando-se ao cotovelo, quando eu appareci no quarto; seguia com o olhar a physionomia e os movimentos da sua neta, como se uma fosse o pensamento, a outra o gesto e a voz d'esta scena. Via-se que toda a sua alma de mãe trasbordára para a alma de sua filha, filha duas vezes.

VII

— Senhor, disse-me em italiano a juvenil senhora, com a voz a tremer-lhe um pouco, mas com um timbre tão suave e tão sonoro que parecia a quem a escutava ouvir perolas a desfiarem-se, e a caírem n'um vaso de cristal; eu sou a princeza Regina, e esta senhora é a condessa Livia, minha avó. Esse que é seu amigo, e que para mim é tudo, disse-me que o nome de Salucio vale entre nós pela mais prolixa apresentação; é o laço que liga os nossos corações. Conhece a nossa vida pelas cartas d'elle; elle não tem segredos para nós, o senhor não os tem para elle. Conhecemo-nos, pois, apesar de nunca nos termos visto, tão bem como se eu fosse Salucio, e o senhor eu mesma. Supprimâmos demoras e ceremonias, accrescentou aproximando-se de mim, como se fosse minha irmã, e tomando a minha mão nas suas lindas mãos trémulas. Travemos amizade n'uma hora, como a travariamos em dez annos. Para que serve o tempo, accrescentou com um gesto de impaciencia em que transparecia a energia da sua vontade, se não for para a gente se estimar mais depressa?

Ao dizer isto, purpureou-se-lhe o rosto como uma braza, que o sopro aviva, por baixo da cinza do lar. Sorri-me, inclinei-me, balbuciei algumas palavras entrecortadas... ventura, dedicação a toda a prova, prestimo, amizade que consagrava a Salucio que tivera razão contando commigo para tudo e por tudo. A velha condessa fazia gestos de assentimento, e soltava exclamações approvadoras, a cada palavra que Regina dizia, e a cada palavra que eu respondia. Regina sentou-se a seus pés, na borda do colchão, e eu sentei-me n'uma cadeira a alguma distancia d'esse admiravel grupo.

VIII

— Agora vamos-lhe dizer tudo em duas palavras, exclamou Regina, erguendo para o meu rosto os seus bellos olhos humedecidos, como que para me interrogar ou para me enternecer. Mas, tornou ella, interrompendo-se como se tivesse commettido alguma loucura, sempre sou uma estonteada; tenho aqui uma carta que lhe é dirigida, e não me lembro de lh'a dar.

Ao dizer isto, tirou do seio uma folha de papel dobrada em fórma de coração, e deu-m'a quente ainda do calor do vestido. Não vinha fechada a carta, desdobrei-a. Conheci logo a letra de Salucio.

«Fortaleza de***, Estados Pontificios.

«A portadora d'este papel é mais do que a minha vida. Estou preso; mas julgar-me-hei livre se souber que ella o está. Vae a França para occultar a sua existencia e o seu nome. Só a posso dirigir a ti; esconde-me o meu thesouro, e sê para ella o que eu sería para aquella que tu amaste. — *Salucio*».

Não me espantou nem a carta, nem o vir datada de uma prisão de estado. As precedentes cartas de Salucio tinham-me preparado para alguma catastrophe d'esse genero. Comtudo, soltei uma exclamação mais de dor que de sopresa.

— Ai! sim, disse a velha condessa, salvou-nos, mas perdeu-se. Paciencia! ha de se julgar o processo, e eu ainda conto alguns amigos no numero dos juizes. A justiça ha de triumphar; não tenho a menor duvida.

— A justiça e o amor! — bradou a menina beijando um retrato engastado n'um bracelete da condessa, e em que eu reconheci o retrato de Salucio.

Então contaram-me alternadamente, e muitas vezes ambas ao mesmo tempo, o desenlace de uma paixão, de cujas differentes phases me havia já informado a correspondencia do meu amigo. Durante a narração, as duas estrangeiras verteram torrentes de lagrimas. A custo continha as minhas. Terminaram implorando os meus conselhos, as minhas indicações, e a minha protecção em quanto durasse o exilio a que o seu infortunio as condemnava. Se a amizade e a compaixão não fossem sufficientes para me inspirar a mais profunda dedicação ao destino d'essas duas infelizes, a maravilhosa formosura de Regina nem me deixaria a faculdade de hesitar. O seu olhar, a sua voz, o seu sorriso, os seus prantos, faziam com que eu sentisse uma ineffavel suavidade em me consagrar ao mesmo tempo a um dever e a uma seducção. Aquella mulher subjugava e arrastava n'um turbilhão de louco enthusiasmo quem se aproximasse d'ella. Eu não estava namorado; o estado da minha alma, o dever imposto pela amizade, dever que o facto de estar preso o meu amigo tornava ainda mais sagrado, tudo concorria para transformar n'um crime qualquer louco pensamento de amor. Mas eu estava mais do que enamorado, estava fascinado. Os seus olhares haviam absorvido a minha vontade. Sentia-me impellido suave e fatalmente para essa atmosphera de luz, de languidez, de fogo, de lagrimas, de esplendor e de melancolia, de fulgor e de sombra, magico ambiente que envolvia essa feiticeira de vinte annos. Seguil-a-hia sem querer, como a folha sêcca segue o pé de vento que se ergue descuidoso. Podia fazer de mim um irmão, um amigo, um salvador, um escravo, um cortezão, um martyr, uma victima voluntaria, tudo, tudo, tudo menos um namorado.

Pois fel-o tambem assim que o quiz.

Jantei na companhia das duas estrangeiras, demorei-me ainda muito tempo, encostado á janella que deitava para o campo illuminado pela argentea luz da formosa lua, conversando com Regina no seu amor e no meu infeliz amigo. Sua avó, doente e sempre deitada no colchão, gemia e suspirava na sombra do quarto ao antolhar-se-lhe a horrivel perspectiva de morrer em paiz estrangeiro, deixando sua neta á mercê do exilio ou da tyrannia que lhe queria opprimir o coração. Consolava-a com a esperança de que, sem duvida alguma, Salucio em breve obteria a sua liberdade, e com os meus protestos de dedicação ao seu passageiro infortunio. Differentes idéas nos acudiam ao espirito, e nenhuma adoptavamos. Em fim, pedi-lhes que descançassem a manhã toda do dia seguinte em Pont-de-Pany, para que a condessa podesse recuperar algumas forças, e prometti voltar na tarde do dia seguinte para receber as suas ordens, e para as acompanhar ao sitio onde resolvessem fixar a sua existencia. Disse á avó que me considerasse como filho, a Regina que se fiasse em mim como n'um irmão. Ouvindo na minha boca as palavras e até a pronuncia da sua patria, que eu adquirira pela minha longa permanencia em Roma, parecia-lhes a ellas que tornavam a ver as paizagens da formosa Italia. Despedi-me, e subi lentamente, com os olhos deslumbrados, com os ouvidos a zunirem-me, os profundos e sinistros desfiladeiros que vão colleando desde a aldeia até ao castello de Urcy. Meu tio dormia havia muito tempo.

IX

Quando elle acordou contei-lhe a scena da vespera, e a resolução que tomára de me consagrar de corpo e alma ás duas estrangeiras. Fingiu acreditar-me sobre palavra, mas eu bem via pelos seus sorrisos que no fundo do seu coração não me julgava tão desinteressado como effectivamente o era. Mas a elle, acontecesse o que acontecesse, nada o fazia zangar; era a sua natural indulgencia, reforçada pela reflexão ácerca da inutilidade dos meios severos:

— Faze o que quizeres, disse-me elle; aqui tens a gaveta da minha secretária; tira dinheiro, quando precisares, com cautela, mas sem constrangimento. Se esse sentimento é amor, o tempo o ha de curar; se é amizade, talvez o transforme. És tutor muito juvenil de mulher tão galante, como tu asseveras que é a tua italiana; cautela com o coração; quando elle dorme é quando está mais apto para acordar.

Procurei socegal-o; só o nome de amor me horrorisava. Mostrei-lhe algumas cartas de Salucio. Conteilhe a historia toda da paixão d'esses dois corações predestinados, para assim dizer, um para o outro.

Mas agora reparo, ao colligir e completar estes apontamentos, que não inclui n'elles a historia dos dois amantes. Vou reconstruil-a n'este ponto, graças ás cartas de Salucio, que existem quasi todas na arca de papeis que eu salvei do naufragio da bibliotheca de Urcy.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

MONUMENTO DE D. PEDRO V NO PORTO

E O SEU MODELO ESCULPIDO EM PRATA

Representa a nossa gravura a prenda offerecida pela Associação Benefica dos Ourives do Porto á Sociedade Portugueza de Beneficencia do Rio de Janeiro, para o leilão que esta benemerita sociedade se propõe fazer em beneficio do hospital por ella fundado e mantido.

Como essa prenda é uma cópia, feita em prata, do monumento que os artistas portuenses estão erigindo no largo da Batalha, na cidade do Porto, á memoria do mallogrado rei, o sr. D. Pedro v, o bem amado do povo, fallaremos primeiramente d'este padrão de saudades populares, pois que na sua descripção está incluida a da offerenda dos ourives portuenses.

Logo depois do fatal golpe que nos privou do soberano illustrado e virtuoso, que parece ter vindo ao mundo sómente para mostrar, em curta mas gloriosa carreira, o verdadeiro modelo do rei constitucional, pensaram os artistas do Porto em dar testimunho publico da sua dor por tão grande perda, e da sua gratidão por tantas provas de amor recebidas d'aquelle principe magnanimo, levantando um monumento em sua honra.

Reuniram-se, pois, e nomearam uma commissão para promover subscripções e quaesquer outros meios conducentes á realisação d'aquelle pensamento. Desempenhou-se a commissão satisfactoriamente do encargo que lhe fôra commettido, colligindo as sommas precisas para a execução do projecto de monumento approvado, por meio de subscripções no paiz e no Rio de Janeiro, de beneficios nos theatros do Porto, de illuminações no jardim de S. Lazaro, de bazares com leilões de prendas offerecidas para esse fim, e até de representações dramaticas por curiosos.

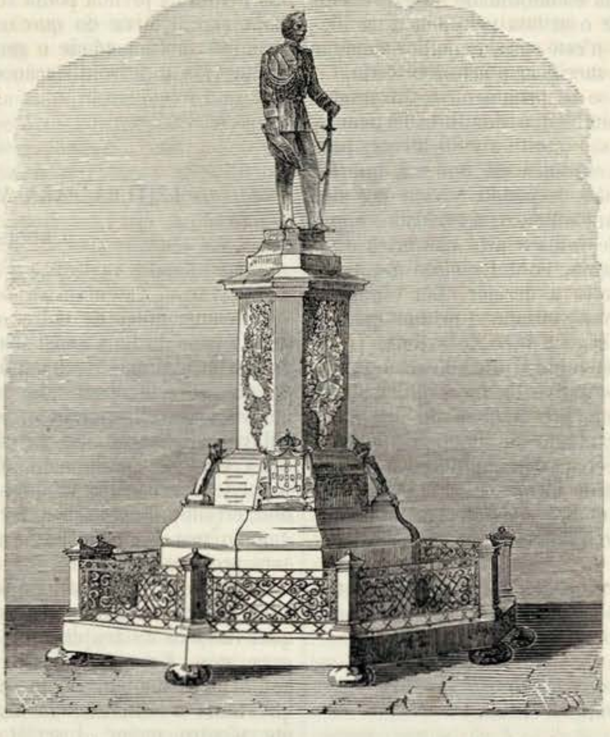
Destinou-se o dia 7 de junho de 1862 para a inauguração solemne dos trabalhos; porém esta ceremo-

nia veiu a celebrar-se no dia 11, com todo o apparato possivel. Tendo sido solicitado el-rei o sr. D. Fernando para ir honrar aquelle acto com a sua presença, e não podendo comparecer, enviou para alli o representar ao sr. conde de Rilvas, seu ajudante de campo, que lançou a pedra fundamental do monumento. Assistiram a esta solemnidade todas as auctoridades, chefes de repartições e de estabelecimentos publicos, deputações das associações populares da cidade, varios titulares e outras pessoas de distincção, etc.

O cofre que se collocou na base do monumento, com as moedas cunhadas no reinado do sr. D. Pedro v, era de zinco. Encerrava tambem a seguinte inscripção gravada em uma lamina de prata:

Petro v
Lusitaniæ Regi
Ludovico I *Regnante*
Sub Patris Auspiciis
Regis Ferdinandi II
Id grati animè signum
Cultores artium Portucalenses
Posuere
VII *idus Junii*
Anno Domini MDCCCLXII [1]

Á vista da nossa gravura, é escusado, sem duvida, descrevermos a fórma geral do monumento, que para estar completo só lhe falta a estatua do soberano, e a grade que o ha de cercar. Os quatro degraus, o



Modêlo em prata do monumento de D. Pedro v no Porto

sócco e o pedestal são de marmore branco, ou pedra lioz das visinhanças de Lisboa. Ornam as quatro faces principaes do pedestal varios emblemas em relêvo, de bom desenho e excellente esculptura. Os da frente do monumento, que está voltada para o norte, symbolisam a *religião*. Os do lado de léste representam as *artes;* os da parte de oeste a *industria manufactora;* e os do lado do sul a *agricultura*.

Correspondem a estas quatro allegorias as seguintes inscripções, gravadas em letras de bronze na base do pedestal.

No lado de léste:

Visita o Porto quando Principe
em 1852.

No do sul:

Visita a exposição agricola
em 1860.

Na parte de oeste:

Visita a exposição industrial
em 1861.

No lado do norte:

Os artistas portuenses por gratidão
a D. Pedro v
em 1862.

Sobre o friso do sócco, e encostados ao pedestal, nas quatro faces menores do octogono, vêem-se, em cima de almofadas, os escudos coroados das *armas de Portugal*, de *Saxe Coburgo*, dos *duques de Bragança*, e da *cidade do Porto*.

Todo o monumento terá de altura 10 metros, desde o solo até á parte superior da estatua, que é pedestre. Esta ha de ser de bronze, com tres metros de altura, e de peso, pouco mais ou menos, 1:320 kilogrammas, ou 90 arrobas. O artista representou el-rei D. Pedro v trajando o uniforme de tenente general, com a fronte um tanto inclinada sobre o peito; o braço direito caído, e a mão pegando negligentemente no chapeo; e com a esquerda segurando a espada, que assenta no chão.

[1] Em vulgar quer dizer: A D. Pedro v, rei de Portugal, reinando D. Luiz I, sob os auspicios de seu pae, el-rei D. Fernando II, os artistas portuenses erigiram este padrão do seu reconhecimento, aos 7 de junho de 1862.

Quem conheceu o sr. D. Pedro v ha de achar fielmente retratada n'esta estatua uma posição muito habitual do desventurado monarcha; a posição em que mais ressumbrava aquelle ar melancolico e meditativo, que ás vezes parecia o reflexo de uma grande prostração moral. Essa expressão de tristeza que anuviava suavemente o semblante do joven soberano; esse pendor da fronte sobre o peito, que revelava profundas meditações do espirito; esse proprio desfallecimento de membros, tão natural quando a alma está assoberbada por pensamentos tristes ou graves; tudo isto fazia ainda mais sympathico o rei que todos viam cheio de actividade, de vigor e de dedicação em toda a parte onde o bem publico podia esperar d'elle qualquer serviço.

Todavia, aquella posição vae tão mal a uma estatua, e sobre tudo á estatua de um monarcha, na qual a arte póde e sabe muito bem casar a magestade do porte com a benevolencia e affabilidade da expressão, que não podêmos louvar o artista pelo seu rigor historico. Entendemos que, n'este caso, é melhor amoldar a historia á arte, do que sacrificar a arte á historia.

O pedestal é esbelto, e os ornamentos são graciosos e appropriados. Os emblemas que lhe adornam as quatro faces principaes são muito significativos, porque resumem em si a chronica de um rei, que foi sincero cultor da religião, expondo a vida por um dos seus mais santos mandamentos, a caridade, e que dedicou todos os seus desvelos a prol das artes e de todos os ramos da industria. Porém quanto á estatua o monumento deixa muito a desejar. Em obras de tal natureza só póde haver verdade e primor quando a inspiração do genio dirige a mão do artista.

Ha muito que está concluido o modelo da estatua, e já se fez a primeira tentativa da fundição, mas foi mal succedida. Presentemente trata-se de dispor os meios de obter bom resultado na segunda fundição.

A grade que ha de cercar o monumento é de bonito desenho, e tambem de fórma octógona. Entre os seus ornatos avultarão quatro medalhas com inscripções, collocadas nas faces correspondentes ás allegorias do pedestal.

Commemoram as inscripções os principaes promotores ou fontes da receita para as obras do monumento, e são como seguem:

Sociedade Madrépora do Rio de Janeiro
7 *de junho de* 1863.

Artistas Portuguezes do Rio de Janeiro
10 *de Junho de* 1863.

Bazar Portuense no Jardim de S. Lazaro
30 *d'Agosto de* 1862.

Empreza dos Caminhos de ferro Portuguezes
21 *de Junho de* 1863.

A praça da Batalha, onde se ergue o monumento, está situada em um dos pontos mais elevados da cidade para o lado de léste. Nos tempos em que o Porto era cingido de muralhas, corria por alli o lanço em que se abria a porta chamada de *Cima da Villa*, ficando de fóra da cerca todo o terreno que é hoje praça. Foi esta modernamente alindada, construindo-se um passeio de lagedo que faz o centro da praça de fórma oval, e plantando-se um renque de arvores em volta do passeio. E n'isto consiste toda a regularidade da praça, porque os edificios que a guarnecem são irregulares no alinhamento, e de prospecto differente. Um d'esses edificios é o theatro de S. João, que fica em um angulo, mas um pouco afastado.

Tornando agora á offerenda da Associação Benefica dos Ourives do Porto, diremos que é, segundo nos consta, pois que a não vimos, um trabalho de muita delicadeza e esmero, que daria nome só per si a esta classe, se ella não fosse já conhecida e afamada em todo o reino pela perfeição das suas obras. Esta peça, que é uma imitação exacta, guardadas as proporções do monumento de D. Pedro v, quando estiver completo, tem 60 centimetros de altura, e mais alguma coisa de 9 kilogrammas de peso.

A estatua, emblemas, e escudos de armas são de prata não polida, e o resto de prata brunida.

Foi obra de tres artistas. O sr. Francisco José Aranha fez a estatua e os escudos de armas; o sr. Antonio Marques dos Santos executou os trabalhos de gravador; o resto do monumento, com a respectiva grade, tiveram por auctor o sr. Antonio José Machado.

A Associação Benefica dos Ourives do Porto teve certamente uma idéa muito feliz na escolha do assumpto para o objecto de arte que offereceu por prenda e como penhor de fraternidade. Para um leilão de beneficencia em favor de portuguezes desvalidos nenhuma prenda podia ser mais appropriada, nem mais significativa do que o modelo do monumento levantado pela saudade e gratidão popular ao rei que foi na vida a personificação da caridade.

I. de Vilhena Barbosa.

LEITURA PARA AS ESCHOLAS

O EGOISMO

XIX

Notemos, antes de entrar em materia, que a desinencia *ismo* designa quasi sempre uma paixão desordenada e até algumas vezes mania; dizemos quasi sempre, porque, se esta observação se applica ao *philosophismo, rigorismo, fanatismo, despotismo*, etc., não póde todavia applicar-se ao *patriotismo*. Este sentimento é na verdade apaixonado, mas a sua sobreexcitação só póde ser censurada quando nos leva para caminho errado, quando nos faz ver o todo na parte, e quando nos faz concorrer para a prosperidade d'esta com prejuizo d'aquelle.

O egoismo, na restricta accepção da palavra, é o amor desordenado de nós mesmos; é o sentimento pelo qual fazemos centro do mundo, onde attrahimos tudo para nós. Este centro não é verdadeiramente um ponto mathematico. Dilata-se algumas vezes de modo que toma a extensão de uma circumferencia inscripta n'outra maior, inscripta n'um circulo immenso que comprehende o universo. Quanto mais o centro se for limitando, tanto mais o egoismo, vicio no sentido abstracto, se aproximará da condição de virtude.

Expliquemo-nos.

Tal homem limita o egoismo na sua familia, tal homem na sua patria. O egoista, no primeiro caso, é um bom pae de familias, e no segundo um bom cidadão. Chamamos-lhe egoista, porque ha sempre egoismo no amor que prefere a familia ou o povo a tudo e a todos.

O egoismo, segundo a situação dos homens em que se desenvolve, toma caracteres differentes, e póde tornar-se tão ridiculo como barbaro.

Estremecemos quando se lê que Theodosio, para vingar a honra das estatuas de seu pae, mandára matar a flor dos habitantes da Anthiopia; rimo-nos quando sabemos que Calicot, para vingar a honra dos seus bigodes, assalta o theatro e provoca Brunet com a bengala em punho. Estes effeitos são mui differentes, mas nascem do mesmo principio. O marçano não ouvirá zombarias mais placidamente que um imperador romano; se o collocassem no throno, a sua vingança ultrapassariam de certo os gracejos.

O egoismo, embora commum a todos os homens, parece mais particularmente inherente a certas con-

dições, a certos terrenos favoraveis onde esta má planta cresce e fructifica.

Não seriam egoistas pela natureza de sua profissão os cenobitas, que unicamente occupados de si viviam estranhos a todos os viventes, e por principios sacrificavam tudo a elles, e até os mesmos principios.

Contra o egoismo póde citar-se o nome de Vicente de Paulo; ainda ninguem mais honrou o nome de santo. Amar Deus nos homens, fundar hospicios, acudir aos pobres, consolar os enfermos, enterrar os mortos, são as virtudes oppostas ao egoismo. Vicente de Paulo amava o proximo mais que tudo; imitae-o, e sereis heroes da caridade.

O egoismo, tão revoltante por sua sequidão, tão odioso por sua brutalidade, quando é alliado á doçura e á sinceridade, passa então por bonhomia. É o egoismo que se nota em La Fontaine, que não teria sido melhor ainda que vivesse menos estranho á esposa e aos filhos.

Ninguem era mais alheio ao egoismo que a excellente sra. Parni, que, sob o nome de Contat, deliciou, durante vinte e cinco annos, o theatro francez; mas em casa d'esta senhora representou-se uma vez a scena mais divertida que o egoismo póde offerecer. A sra. Parni tinha em Ivry, perto de Paris, uma boa casa de campo, onde recebia as pessoas mais distinctas em letras e artes. Um dia que Legouvé jantára com ella em numerosa companhia, não se notou que ao anoitecer o poeta saíra da sala, levado por certa disposição melancolica. Foi passeiar sósinho para o parque, onde á escuridão da noite se juntava a do arvoredo. Entregue ás suas illusões, percorria a passo largo uma alameda aberta para o campo, do qual estava apenas separada por um fosso de vinte pés de profundidade, e n'elle caiu. Ao cabo de uma hora passou um camponez que ouviu gemidos, e correu a avisar a dona da casa. Todos voaram em soccorro do ferido. Com o auxilio de uma escada desceram ao fosso, e trataram de salvar o infeliz. No entretanto outras pessoas andavam na sala a preparar o leito no qual Legouvé deveria ter o primeiro curativo. Sob a direcção de um cirurgião, os convidados pegaram no ferido; atravessaram o jardim; subiram os degraus da casa com cautela; entraram em fim na sala onde estava preparada a cama que devia receber Legouvé. Qual não foi porém a admiração de todos ao vêl-a occupada por um homem que gemia dolorosamente, e que parecia moribundo! Acreditaram que a compaixão do alheio padecimento o levára áquelle estado lastimoso. A sra. Parni, cuja imaginação era mais viva, perguntou-lhe:

— Tambem caiu no fosso?

— Não, minha senhora; estou aqui para prevenir a quéda.

Colardó, celebre como Legouvé, por encantadora versificação, morreu prematuramente. Estava já bastante doente quando Barthe, o auctor das *Suppostas infidelidades*, foi visital-o. A amizade era o menor dos interesses que o levavam alli. Sem ser mau, Barthe não era sensivel. Deixando de informar-se ácerca do estado do doente, fallou-lhe de prosa, de versos, e acabou a impertinencia tirando da algibeira um volumoso manuscripto que, no meio dos terrores da morte, o moribundo não viu sem tremer.

Quero, disse Barthe, o teu parecer a respeito de uma comedia que acabei. É grande obra; tem cinco actos. Intitulei-a: o *Egoismo* ou o *Homem pessoal*. Não me poupes conselhos; venho escutal-os. Só vim por causa d'isso.

— Meu amigo, respondeu Calardó, o conselho que posso dar-te é que refiras na tua obra, que um homem de intelligencia veiu ler a um pobre homem agonisante uma comedia em cinco actos... inteira... É o lance do egoismo mais perfeito que eu conheço.

E expirou.

A palavra egoismo deriva do vocabulo latino *ego*, em portuguez *eu*. Ouvindo como certos individuos pronunciam este *eu*, julga-se que é uma das palavras mais breves da lingua; mas o monosyllabo é pronunciado com o valor de uma phrase. Que peso não lhe deu Luiz XIV quando disse: *O estado sou EU*. Como palavra de egoista é sublime.

Ouve-se em muita parte, e a proposito de qualquer bagatella, repetir a antiga locução: *Um homem como eu*.

Poder-se-hia dizer-lhe: Um homem como vós não é de certo um homem como qualquer outro; não se despe nem se veste, e talvez se pareça com aquelle animal em que Diogenes via o homem de Platão.

Ha egoistas que se servem do *nós*, por uso, quando não é hypocrisia. Esta fórma, que passa por modesta, tem a vantagem de dar á opinião particular o valor da opinião de muitos, e de collocar uma impertinencia privada sob a protecção do assentimento de uma sociedade, o que muita vez illude os incautos.

É difficultoso fazer o retrato physico do egoista. A sua figura deve ser, ao que parece, tão risonha como a do homem de bem; mas o rosto será mais agitado que sereno.

O egoista é talvez mais facil de descrever pelas acções que pela physionomia. Deu um philosopho, a respeito do egoista, a idéa mais precisa, como a imagem mais justa, na seguinte phrase:

«O egoista porá fogo a uma casa para cozer um ovo».

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

64.°

CARTA

No artigo que sobre a epigraphe *Estudos da lingua materna* se acha publicado em o n. 30 do *Archivo*, diz V. que o *Glossario* do erudito fr. Francisco de S. Luiz não é dos melhores cathecismos para a doutrina dos *gallicismos*.

Julgava eu que o *Glossario* não só era o melhor, mas o unico cathecismo que deviam aprender aquelles que quizessem, quer fallando, quer escrevendo, evitar a praga, já agora inextinguivel, dos gallicismos. Estava enganado; agora o conheço; mas se o pequeno artigo de V. conseguiu dissipar o meu erro, não chegou todavia a produzir inteira luz nas trevas da minha insciencia sobre tal objecto, porque ainda fico ignorando qual o melhor livro que devam consultar aquelles que, como eu, desejam evitar o emprego de gallicismos desnecessarios, e repugnantes ao genio da nossa lingua. E terá V. tanta bondade que em um dos proximos numeros do *Archivo* queira elucidar esta materia, em que eu tanto desejava ser esclarecido? Não o duvida quem é, etc. — *F. C.*

RESPOSTA

Posto que o nosso obsequioso correspondente não conteste o juizo que fizemos do *Glossario das palavras e phrases da lingua franceza*, introduzidas na locução portugueza; como houve quem se espantasse de tal conceito, justo é que lhe addicionemos algumas ponderações, antes da resposta ao pedido que se nos faz.

Bom serviço prestou á nossa lingua o sabio prelado, com a publicação do seu *Glossario*, concorrendo para expurgal-a dos gallicismos e barbarismos com que o enxurro dos traductores a tinha já a esse tempo enlodado, pervertendo-lhe a sua genuina construcção, não tanto pela ignorancia da grammatica nacional,

como pelo desconhecimento ou desprezo dos nossos auctores classicos.

Mas se é para louvar e agradecer a tarefa de repellir os vocabulos intrusos, contra a indole e necessidades da lingua patria, não será censuravel rejeitar, como espurios, aquelles que tem legitima posse, conferida pela adopção e uso dos doutos?

Pois isto faz o *Glossario*, como verá quem o percorrer, e para amostra basta dar alguns exemplos:

Abertura *(ouverture)* significa em portuguez a *acção de abrir*, e no figurado a *acção de principiar algum acto*, v. gr. *a abertura da porta; a abertura do concilio, da universidade*, etc. Tambem se usa com a significação de *aberta, fenda, greta*, etc.; mas dizer *aberturas* por *primeiras proposições*, ou *propostas preliminares*, que se fazem em qualquer negociação, parece gallicismo contrario ao uso da nossa lingua, e desnecessario.

Ora sem folhear muitos classicos, bastava que o douto pontifice recorresse ao *Diccionario da Academia*, que adoptou esta accepção, dizendo: Entrada ou principio de algum negocio, acção, etc. E auctorisa-a com Vieira, Cart. 2. 13. «Porque tive alguma communicação com a pessoa incognita de que dei conta, e me parece muito accommodada para a *abertura* e conclusão do *negocio*, a introduzi n'elle».

Progredir: É vocabulo traduzido de novo á nossa lingua, á imitação dos francezes, que o tomaram do latim *progredi*. Significa *continuar*, *ir por diante, fazer progressos*, etc. Não o julgâmos de absoluta necessidade.

Activar: É tomado modernissimamente do francez, tambem moderno, *activer;* e significa *diligenciar, zelar, promover com zelo e actividade, pôr em actividade*, etc. Não o julgâmos necessario, ainda que tenha boa derivação.

Parece incrivel que se tache de gallicismo um verbo tão bem derivado, tão expressivo e necessario, só porque os francezes o formaram primeiro, se é que assim foi.

Aconselha o douto benedictino que em vez de *activar* empreguemos as phrases: *pôr em actividade, promover com actividade*. Não será isto transviar os principiantes?

Quer tambem que se diga *frivoleza* em vez de *frivolidade*, que é usado por classicos; e nota que *espião* é gallicismo, porque o não achára em escriptores de boa nota, quando Balthasar Telles e outros o empregaram.

Mas o que principalmente lastimâmos, é que, trazendo este *Glossario* muitos termos francezes auctorisados e adoptados sem contestação, omitta muitos e muitos dos que se devem repellir, de sorte que os principiantes, em não vendo ahi tachado de gallicismo algum vocabulo de que querem usar, julgam-n'o adoptado, como suppoz o estudante que nos consultou sobre a palavra *mistificação* (Vid. o n. 31).

Agora, respondendo á pergunta que se nos faz na carta que fica transcripta, diremos que não ha guia seguro para escrever limpamente em portuguez, senão a leitura dos classicos, porque não temos diccionario que aponte os neologismos adoptaveis, nem sequer um bom vocabulario de gallicismos, como já tem os hespanhoes, qual é o *Diccionario de galicismos, ó sea de las voces, locuciones y frases tomadas de la lengua francesa*, por D. Rafael Maria Baralt, que todavia vale pouco.

Sabemos que a leitura dos classicos depende de escolha e de tempo; mas ha varias selectas onde os que querem escrever com pureza e correcção podem achar mananciaes de boa linguagem.

SILVA TULLIO.

MEDALHAS DA EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE BRAGA

No vol. VI do *Archivo Pittoresco*, a pag. 393, acharão os nossos leitores a vista geral da exposição agricola de Braga, acompanhada de algumas noticias a respeito d'esta festa nacional. Agora apresentâmos a gravura das medalhas que serviram de premio aos expositores n'aquelle certamen do trabalho, e que el-rei o sr. D. Luiz I se dignou distribuir por suas proprias mãos, honrando assim o merito, e accrescentando aos premios um novo titulo de apreço e galardão.

As medalhas eram umas de prata e outras de cobre, mas todas do mesmo cunho. De um lado tem gravados os dois escudos de armas de Portugal e da cidade de Braga, estreitamente unidos, sobre os quaes resplandece a estrella do progresso, que assoma no horisonte da patria, brilhante de luz e promettedora de felicidades. Por baixo dos brazões estão dois ramos entretecidos de loiro e carvalho, symbolos da gloria e da riqueza, que são os fructos do trabalho para o homem e para os imperios. No outro lado da medalha vê-se uma coroa, tambem formada de dois ramos de loiro e carvalho, que servem como de caixilho á letra — *Ao merito*. Em volta da coroa virente lê-se a inscripção — *Exposição Agricola de Braga*, e na parte inferior a era de 1863.



Medalha da exposição agricola de Braga

Saíram tão perfeitas as medalhas, que sua magestade houve por bem conferir o habito de Christo ao gravador, o sr. José Arnaldo Nogueira Molarinho. Este distincto artista tem dado mais provas da sua habilidade em outras medalhas que tem gravado com egual perfeição. Seguindo o exemplo da Associação Beneficа dos Ourives do Porto, o sr. Molarinho offereceu tambem á Sociedade Portugueza de Beneficencia do Rio de Janeiro, para o leilão que vae fazer em beneficio do seu hospital, uma collecção das medalhas que tem gravado, e são as seguintes:

A da exposição agricola de Braga; a da expedição de Angola; a das campanhas da liberdade; a commemorativa da acclamação do 1.º de dezembro de 1640; a que foi offerecida, no verão passado, pela Associação Typographica do Porto ao sr. Ernesto Biester, auctor do drama *Fortuna e Trabalho;* e cinco pequenas medalhas de prata com os bustos do imperador do Brasil D. Pedro I, del-rei D. Pedro V, da rainha D. Estefania, del-rei D. Luiz I, e da rainha D. Maria Pia de Saboya.

Das cinco primeiras iam dez exemplares; cinco de prata mostrando o anverso, e cinco de cobre com o reverso para cima. Uma bonita caixa de veludo carmesim encerrava esta collecção de quinze medalhas.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A pag. 250, col. 1.ª, onde diz — Sacavem, distante de Lisboa 10 kilometros, é um logar de 220 e tantos fogos, com mais de 200 habitantes — leia-se — com mais de 900 habitantes.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio